

Vergonha

ELIO GASPARI

Vergonha, esse é o gosto que fica na boca depois de se saber que o presidente do Tribunal Superior Eleitoral disse que "a permanência do presidente da República é um fato indispensável para a manutenção e consolidação do modelo econômico que foi implantado no Brasil". "Acho que é mais uma exigência da consolidação do modelo econômico do que uma necessidade de ordem política".

Esse gosto de vergonha ficará na boca dos eleitores de Lula, de Ciro Gomes e de FFHH. Mais: ficará na boca do próprio FFHH. Ele, que já tem tanto, não precisava disso. Preside um país onde os caetés comeram o primeiro bispo (e há quem se orgulhe disso), cuja seleção perdeu a Copa no Maracanã, mas essas são vergonhas velhas, impostas pelos costumes ou até mesmo pelos deuses do futebol. A vergonha que resulta do comentário do ministro Ilmar Galvão é daquelas que doem. Como se o bispo Sardinha fosse comido hoje, na esquina da Avenida Rio Branco com Ouvidor, por caetés que falam francês com o desembaraço de FFHH.

A primeira vista o ministro defendeu a reeleição do presidente. Depois explicou-se, com duas linhas de argumentação.

Na primeira esclareceu que não estava se referindo ao pleito, mas ao instituto da reeleição. Esse sim, teria sido aprovado pelo Congresso, para permitir a manutenção do "modelo econômico".

Na segunda, foi claro: "Se eu afirmasse que era indispensável votar em A ou B, poderiam dizer: O Ilmar endoidou."

É uma pista, mas não chega a ser uma explicação. Já o primeiro argumento, apesar de verdadeiro, é pouco mais que roupa velha.

O instituto da reeleição não se destina à "manutenção e consolidação do modelo econômico que foi implantado no país". Destina-se apenas a permitir a reeleição do presidente da República. Nada além disso, pelas seguintes razões:

1) O presidente, uma vez eleito, pode mudar a política econômica. Em certos casos, até deve. Itamar Franco fez isso,

com sucesso.

2) A manutenção de uma política econômica pode prescindir da reeleição do presidente. O Plano Real, por exemplo, não precisou da reeleição de Itamar.

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral causou um dano profundo ao Poder Judiciário. Juiz quando fala fora dos autos acaba correndo os riscos de cego que atravessa a rua com sinal fechado. Na Corte Suprema dos Estados Unidos já houve juizes senis (Thurgood Marshall, antes de renunciar) e até mesmo juizes que aceitavam dinheiro impróprio (Abe Fortas, num caso que não teve nada a ver com compra de sen-

tenças ou coisas do gênero, e que o levou a renunciar). Nunca houve juiz que desse entrevista. Aliás, essa memorável espécie vive num mundo em que os mortais são ensinados a não lhes dirigir a palavra nos corredores da corte.

Feita a confusão, o ministro puxou do coldre a velha garrucha com a qual se acusa a imprensa de "sensacionalista". Esqueceu-se de que juiz bom é juiz calado. Falando, disse coisas sem nexo. Ademais, como ele mesmo reconhece, não compete a um juiz do Supremo opinar sobre matéria constitucional votada pelo Congresso.

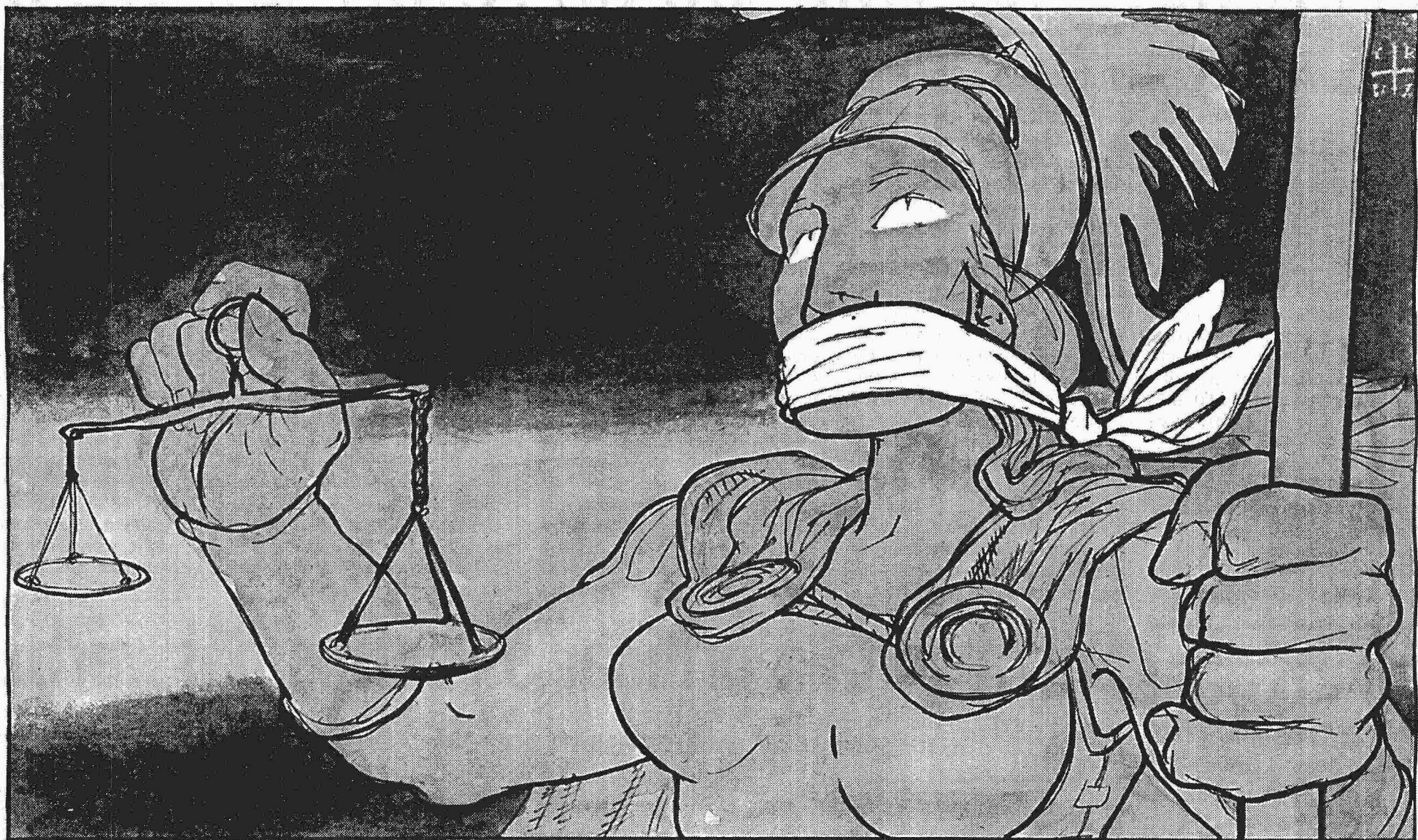
Galvão pode ter sido infeliz, mas foi

reincidente. Começou seu serviço dizendo que a Justiça Eleitoral era incapaz de corrigir uma situação na qual "a violação da Lei Eleitoral é flagrante em todo o País". Talvez quisesse ser duro na sinceridade do magistrado sem meios. Vá lá. Em agosto, voltou a falar e disse que a vitória de um candidato no primeiro turno "facilitaria" o trabalho da Justiça. Como só havia uma candidato ameaçando vencer no primeiro turno, associou a eventualidade da vitória de FFHH à rapidez do serviço que é pago para presidir. Disse também que as viagens oficiais dos candidatos que ocupam cargos executivos não podiam

ser encerradas com comícios. Quando FFHH fez isso, respondeu: "Eu não vi e não sei nada disso."

A vergonha esparramada sobre os cidadãos pelo presidente do TSE não tem remédio. Seria confortável supor que um gesto de renúncia remediasse a situação. Infelizmente, nem isso resolve. Trata-se de botar a viola no saco e conviver: comeu-se o bispo Sardinha, perdeu-se a Copa no Maracanã e o presidente do Tribunal Superior Eleitoral disse o que disse.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.



Cruz